

SANEAMENTO BÁSICO
ALIMENTAÇÃO TRANSPORTE PÚBLICO
Saúde
HABITAÇÃO **ou corpos**
EDUCAÇÃO **perfeitos?** RENDA
TRABALHO MEIO AMBIENTE
LAZER POBREZA
LIBERDADE **Proposta de intervenção na** VIOLÊNCIA
Educação Física na EJA SEGURANÇA
SERVIÇOS DE SAÚDE POSSE DE TERRA

Cíntia Emerenciana de Almeida
Marcelo Paraíso Alves

SAÚDE OU CORPOS PERFEITOS?

Proposta de intervenção na Educação Física na EJA

Saúde ou corpos perfeitos?

**Proposta de intervenção na Educação
Física na EJA**

**Produto desenvolvido para o Mestrado Profissional
em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente**

Autores:

Cíntia Emerenciana de Almeida
Marcelo Paraíso Alves

Cíntia Emerenciana de Almeida

Marcelo Paraíso Alves

2020

SUMÁRIO

1 EJA E CONSTRUÇÃO COTIDIANA DE CURRÍCULO SOBRE SAÚDE	3
1.1 PRESSUPOSTOS POLÍTICO-EPISTEMOLÓGICOS: É POSSÍVEL PENSAR A PARTIR DE UMA ÚNICA TEORIA DE APRENDIZAGEM?	4
1.2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	13
1.2.1 Lugar e Sujeitos da Pesquisa	13
1.2.2 Metodologia do Produto	14
1.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	54

SANTOS, B. S. **Construindo as Epistemologias do Sul:** Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

STREHLAU, Vivian Iara; CLARO, Danny Pimentel; NETO, Silvio Abrahão Laban. A vaidade impulsiona o consumo de cosméticos e de procedimentos estéticos cirúrgicos nas mulheres? Uma investigação exploratória. **Revista de administração**, v. 50, n. 1, p. 73-88, 2015.

WAISSMANN, Willian. Desigualdade Social e Atividade física. In BAGRICHEVSKY, Marcos. PALMA, Alexandre. ESTEVÃO, Adriana (orgs). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau(SC): Edibes, 2003.

RAGO, Margareth. Narcisismo, sujeição e estéticas da existência. **Verve**, n. 9, São Paulo, v. 9, p. 236-250, 2006.

REIS, G. R.F. da Silva; CAMPOS, M. S. N. **Conversas entre professoras: currículos pensadospraticados e justiça cognitiva**. Práxis Educacional: Vitória da Conquista, v. 12, n. 21, p. 103-132, 2016.

REIS, Graça et al. Estudos com os cotidianos e as rodas de conversação: pesquisa político-poética em educação. **Reflexão e Ação**, v. 25, n. 3, p. 68-87, 2017.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B.S. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política. [para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática]**. Porto: Edições Afrontamento; 2006. p. 87-124.

SANTOS, B. S. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010a.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b.

1 EJA E CONSTRUÇÃO COTIDIANA DE CURRÍCULO SOBRE SAÚDE

No intuito de atender às demandas do projeto de pesquisa do programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente e, respectivamente, contribuir com o debate acerca do modo como a temática da Saúde pode ser desenvolvida no cotidiano escolar, elaboramos um produto visibilizando a experiência social realizada em uma escola pública do município de Volta Redonda – RJ, com estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

Nesta ótica, optamos por iniciar apresentando os pressupostos epistemológicos utilizados no referido relato de experiência, para posteriormente, visibilizar os detalhes do processo de desenvolvimento das aulas realizadas junto ao componente curricular Educação Física.

1.1 PRESSUPOSTOS POLÍTICO-EPITEMOLÓGICOS: É POSSÍVEL PENSAR A PARTIR DE UMA ÚNICA TEORIA DE APRENDIZAGEM?

O presente material didático tem como proposta extrapolar a noção de currículo que emerge da ótica conservadora, classificatória e hierarquizante, de propostas oficiais que, ao se pensar de maneira única e exclusiva, toca o chão da escola de maneira descontextualizada da realidade social e dos determinantes históricos e sociais que interferem nesse *espaço/tempo*, atuando de modo excludente e hierarquizador (OLIVEIRA, 2012).

Para a autora, o currículo se desenvolve a partir da tecitura de conhecimentos em rede e apresenta como pressuposto o enfrentamento ao paradigma arbóreo que opera na ótica da “linearidade, sucessão e sequenciamento obrigatório, do mais simples ao mais complexo, dos saberes aos quais se devem ter acesso. Além disso, pressupõe a ação externa como elemento fundador da ‘construção’ de conhecimentos” (OLIVEIRA, 2007, p. 87).

literatura. **Revista Paulista De Educação Física**, 14(1), 97-106. 2000.

PALMA, A. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros modos de olhar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores associados. v. 22, 2001.

PALMA, A.; VILAÇA, M. M. O sedentarismo da epidemiologia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Curitiba, Brasil v. 31, núm. 2, p. 105-119, 2010.

PALMA, A. et al. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 31-51, 2010.

PEREIRA, Camila Santos. Interseccionalidade e lugar de fala no trabalho em Direitos Humanos. In ROSA, Marcus Vinicius de Freitas; NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula Sandrini; SILVEIRA, Raquel da Silva. **Políticas públicas, relações de gênero, diversidade sexual e raça na perspectiva interseccional**. 1. ed. Porto Alegre: Secco Editora, 2018.

PORTO, Luiz Guilherme Grossi; JUNQUEIRA JR, Luiz Fernando. Adesão a um programa de atividade física baseado no incremento do número de passos diários, por homens saudáveis sedentários. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 41-48, 2009.

POLLAK, M. **A gestão do indizível**. WebMosaica, v.2, n 1, jan.-jun. 2010.

Barbosa de Oliveira e Nilda Alves (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, I. Barbosa de. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, I. Barbosa de. ALVES, Nilda. A pesquisa e a criação de conhecimentos na pós-graduação em educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol.27, n. 95, p.577-599, maio/ago. 2006.

OLIVEIRA, I. Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 98, p. 47-72, 2007.

OLIVEIRA, I.Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012a.

OLIVEIRA, I.Barbosa de. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *praticadospensados*. In: E-curriculum, São Paulo, v.8 n.2, ago. 2012b.

OLIVEIRA, I. Barbosa de. GERALDI, João Wanderley. **Narrativas outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii:Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas: uma revisão da

De modo contrário, o currículo como criação cotidiana trabalha com a ideia de que os conhecimentos são tecidos em realidades complexas por sujeitos *praticantespensantes* que habitam os *espaçostempos* plurais e, por isso, ressignificam singularmente as informações que chegam até ele (OLIVEIRA, 2012).

A noção pressuposta pela tecitura do conhecimento em rede, ao contrário do que estabelecem as teorias modernas, trabalha com a ideia de que os consumos, aos quais são submetidos os sujeitos ordinários, transformam-se em conhecimentos apenas quando re-significados. Entretanto, para que esse processo ocorra, é necessário enredar-se a outros fios que já constituem as redes de saberes individuais, pois passa a adquirir um sentido particular, que pode não ser exclusivamente o mesmo que o transmissor da informação pressupôs (OLIVEIRA, 2012).

De outro modo, é importante que se compreenda que não é pelo fato de ouvir uma informação que haverá aprendizagem, pois esse processo somente se efetivará caso o que tenha sido dito se articule aos interesses, crenças, valores ou

saberes da pessoa interessada. Isso significa que não há um único caminho ou um caminho estabelecido a priori de como aprender, pois se cada ser humano possui uma corporeidade que constrói a partir do seu processo sincrônico no mundo, cada indivíduo se configura por experiências próprias que o singularizam, não podendo haver um padrão ou modelo matricial, como nos propõe o paradigma arbóreo.

Assim, considerando que o processo de *aprendizagemensino*¹ ocorre de modo singular, porque se conecta às experiências individuais e coletivas e aos saberes anteriores dos *praticantespensantes*, as possibilidades de conexões para 'novas' aprendizagens são plurais, não fazendo "sentido pressupor um trajeto único e obrigatório para todos os sujeitos em seus processos de aprendizagem" (OLIVEIRA, 2012, p. 87).

¹ A opção por trabalhar com a junção em torno dos processos de *aprendizagemensino* se deve pela aproximação à discussão de Oliveira (2013, pp. 376-377), "que não só supõe o vínculo entre os termos como parte da ideia de que as aprendizagens precedem o ensino (...), pois são redes nas quais estão presentes as escolhas, os desejos e as possibilidades *políticaspráticasexpressivas* dos sujeitos neles envolvidos, tanto na definição formal e geral do que deve ser ensinado quanto circunstancialmente, em função das especificidades locais, naquilo que efetivamente se faz".

Revista Ensaios e & Diálogos em Saúde Coletiva, n. 3, 2016.

MBEMBE, Achile. Necropolítica. PPGAV/EBA/UFRJ. **Arte & Ensaios**. n. 32, dezembro, 2016.

MENESES, Maria Paula G. Quando não há problemas, estamos de boa saúde, sem azar nem nada: para uma concepção emancipatória da saúde e das medicinas. **Migraciones, linajes y estados en África austral**, v. 83, 2004.

MINAYO, M.C.S. A saúde em estado de choque. Rio de Janeiro, **Espaço e Tempo**, 1992.

MOLLO, E. C. El vivir bien, una propuesta de los pueblos indígenas a la discusión sobre el desarrollo. Obets. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 6, n. 1, pp. 19-33.2011.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2015.

MOURÃO, L. Representação social da relação do trabalho feminino da diarista com as opções de lazer na comunidade de Queimados. **Motus Corporis**, v. 6, n. 2, p. 52-72, 1999.

OLIVEIRA, I. Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas- sobre redes de saberes**. Inês

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas:** sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano.** V.1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHEIK, Nadia C. et al. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 11, n. 3, p. 45-52, 2008.

FASANELLO, Marina Tarnowski et al. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARTINS, P. H. Epistemologias do Sul e seus Impactos sobre as ações e as Políticas em Saúde no Brasil.

Outrossim, Certeau (1994) também nos auxilia a compreender que os sujeitos ordinários – o sujeito comum – não se posicionam alienadamente diante das produções que chegam até ele, mas agem astutamente, de modo disperso, quase invisível, produzindo e disseminando criações anônimas, reinventadas a partir de seus anseios, desejos e necessidades.

Outro pensamento que está na base da proposição ora apresentada é a noção de Pensamento Pós-Abissal, forjada por Santos (2010). A referida ideia se opõe ao pensamento moderno, que atua na perspectiva arbórea, porque entende que o conhecimento científico é um pensamento excludente e abissal por classificar e hierarquizar pessoas e saberes.

A racionalidade moderna ocidental, caracterizada pelo conhecimento científico eurocêntrico, é um pensamento que age abissalmente, pois consiste na fabricação de um sistema que divide a realidade por intermédio de uma linha que separa as distinções visíveis e invisíveis (SANTOS, 2010, p.32): o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A

divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente”.

Para o autor, a monocultura do saber ou do rigor do saber é o modo mais poderoso de não-existência, pois ao ser transformado ao longo da modernidade, pelo imaginário colonial – eurocêntrico –, como único conhecimento válido, transfigurou-se em uma totalidade que desconsidera as outras formas alternativas de saber em cultura, religião, folclore, dentre outros. Nesse caso, a não-existência assume a forma de ignorância ou ausência de cultura.

Especificamente, a escola, ao desenvolver suas ações educativas, tendo à ótica moderna como referência do processo de *aprendizagemensino*, desqualifica os conhecimentos e experiências trazidas pelos (as) estudantes, pois constitui os docentes como sendo os únicos a possuírem conhecimentos válidos na sociedade contemporânea.

Entretanto, buscamos na Sociologia das Ausências (SANTOS, 2006) a contraposição para o processo de desinvisibilização dos saberes

sociais, as imagens utilizadas pelos(as) estudantes, as experiências individuais e coletivas dos(as) estudantes.

Assim, salientamos que a experiência social desenvolvida em uma escola pública do município de Volta Redonda se aproxima da razão cosmopolita (SANTOS, 2018), porque se volta contra o desperdício da experiência, que apoiada na racionalidade moderna defende que a única forma de conhecimento válido é aquele produzido pela rigorosidade científica.

Enfim, ao considerarmos que há uma riqueza inesgotável no mundo que está a ser desperdiçada, o que buscamos salientar é que não concebemos essa proposta didática como modelo a ser seguido, mas como uma prática sociocultural construída em redes de subjetividade e que promove a ruptura com a hierarquização de conhecimentos, valorizando e horizontalizando diversos modos de compreensão do mundo.

interferindo ou determinando no modo como as pessoas são impactadas pelo mundo de modo a adquirir ou a prejudicar o estado saudável de um ser humano.

Para finalizar, torna-se relevante ressaltar que não tivemos a intenção, com o trabalho avaliativo supramencionado, de estabelecer um caminho certo ou errado, mas de propiciar, conforme pressupõe a noção de tessitura de conhecimentos em redes, um espaço de diálogo e de construção coletiva, pois admitimos que tais saberes se tecem no emaranhado das redes individuais e coletivas em que os estudantes estão imersos, não tendo desse modo, “origem nem desenvolvimento localizáveis, prioridades hierárquicas, previsibilidade ou obrigatoriedade de rota (2012a, p. 68). Portanto, ao promover um espaço de dialogicidade e conflito epistemológico entre os(as) estudantes, ao longo da confecção do trabalho final, propiciamos a construção de saberes que emergiu da horizontalização dos conhecimentos trazidos ao chão da escola, perpassando pelos artigos teóricos propostos, os vídeos, as imagens retiradas das redes

considerados subalternos pela razão moderna. Assim, a referida sociologia permite uma arqueologia das práticas sociais descredibilizadas pela monocultura hegemônica, reconhecendo as experiências desperdiçadas pela lente reducionista da modernidade (OLIVEIRA, 2012).

Nessa linha de pensamento, no intuito de superar a produção da não-existência, via a produção da ignorância ou do não saber, buscamos a proposição de Santos (2018), visto que a sociologia das ausências procura o enfrentamento da monocultura do saber –causadora da inexistência – por intermédio da ecologia dos saberes, uma condição para o estabelecimento da justiça social, pois para o autor, enquanto não houver justiça cognitiva, credibilização de saberes alternativos e tradicionais, não haverá justiça social, porque não será possível a democracia sem fim. Para o autor, a referida democracia se desenvolve atravessada por um paradigma democrático radical: “(...) isto é, da democratização global das relações sociais assentes numa dupla obrigação política: a obrigação política vertical entre o cidadão e o Estado, e a obrigação política horizontal

entre cidadãos e associações" (SANTOS, 2018, p. 84). No rastro desse pensamento, Oliveira (2012) reitera que a cidadania horizontal seria relacionada às obrigações por meio da solidariedade entre os cidadãos.

Portanto, o que pretendemos é visibilizar o modo como os estudantes pensam a saúde, estabelecendo um diálogo a partir das questões singulares que se apresentam na interface entre a escola e a comunidade em que estão inseridos: quais os problemas que atingem os (as) estudantes em relação aos aspectos de saúde? Qual a percepção deles em relação à referida temática? Que determinantes configuram tal situação-problema?

Para Santos (2006), a hermenêutica diatópica parte da ideia de incompletude dos conhecimentos, sendo dessa forma, possível o enriquecimento na ação de discussão entre culturas diferentes. O autor não busca o relativismo, mas salienta que o universalismo diante de qualquer problema é o modo de ação da racionalidade moderna ocidental.

Assim, estabelecer um percurso de *aprendizagem/ensino* tendo a ecologia dos saberes

exposição, mas que teça, ao ser feita, **uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios**; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que **construa uma outra rede de comunicação**, que indique, talvez, uma *escrita/fala*, uma *fala/escrita* ou uma *fala/escrita/fala* (ALVES, 2001, p. 29-30) - **Grifos nossos**.

Figura 6: Trabalho dos estudantes – Conceito de Saúde



Fonte: Própria

Em outro trabalho novamente nos deparamos com uma noção de saúde que não está restrita a ótica anatômica ou ao exercício físico, pois encontramos os (as) estudantes que narram outros aspectos

possibilidade de literaturizar o conhecimento de modo a re-significá-lo.

No rastro de Alves (2001), Oliveira e Geraldi (2010) consideram que a imagem permite narrar o mundo percorrendo outros caminhos e desvelando diferentes saberes, fazeres, valores e emoções, conforme podemos perceber.

O trabalho nos remete à percepção de que a noção de saúde dos (as) estudantes não está restrita ao processo anatômico/biológico, mas se esparge para além dele, pois as imagens utilizadas para narrar e/ou expressar o modo como concebem a saúde nos parece se constituir por meio de vários caminhos de maneira multifacetada. Com relação ao uso da imagem como forma de narrar o mundo, Alves (2001, p. 29-30) considera que:

Ao colocar a pergunta, do jeito, que a fiz, significa que entendo que é preciso uma outra escrita para além da já aprendida. Há assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (**de sons, de imagens, de toques, de cheiros, etc.**) e que, talvez, não possa ser chamada de 'escrita'; que não obedeça a linearidade de

como cerne, requer o uso do pragmatismo epistemológico, que de certo modo é “justificado pelo facto de as experiências dos oprimidos lhes serem inteligíveis por via de uma epistemologia das consequências. No mundo em que vivem, as consequências vêm sempre primeiro que as causas (SANTOS, 2010, p. 59-60).

O que estamos a defender é uma intervenção que tenha como pressuposto o princípio da precaução, pois diante de um processo de intervenção na realidade, devem-se priorizar as “formas de conhecimento que garantam a maior participação dos grupos sociais na concepção, na execução, no controle e na fruição da intervenção” (SANTOS, 2010, p. 60).

Outra noção epistemológica a ser considerada na proposta emerge da narrativa de Benjamin (1994, p. 37): a arte de narrar é um acontecimento infinito, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado [narrado] é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

Considerar tal perspectiva se deve pela ruptura com o modelo proposto pela ciência moderna que hierarquiza saberes ao estabelecer uma relação de sujeito e objeto ao modo pesquisador e entrevistado, em que a entrevista ou o questionário emerge à maneira de inquisição. Ao contrário, ao nos aproximarmos dos estudos do cotidiano buscamos na roda de conversa (OLIVEIRA; REIS, 2017) um espaço de troca e diálogo. No caso deste estudo, por se tratar da EJA, buscamos a conversa ou o diálogo a partir do pensamento de Freire (1994), pois entendemos que a partilha de experiências permite acessar “a inscrição de toda história e de toda memória individuais em uma história e memórias coletivas” (POLLAK, 2010, p. 12).

Assim, o relato apresentado neste estudo não possui a pretensão de sub-rogar-se como um modelo, mas configura-se como a visibilização de uma experiência social realizada em uma escola pública, tendo a temática da saúde como centralidade. Visibilizar tal produção torna-se uma exigência em detrimento da escolha político-epistemológica que está vinculada à Sociologia das Ausências, que por ser um procedimento transgressivo e insurgente traz em

últimos séculos credibilizou o conhecimento científico, a história e a grafia como únicas formas de saber válido. De outro modo, no intuito de contrapor a referida lógica optamos pelo uso da imagem: “A incredibilidade das alternativas é o reverso da indolência da vontade” (SANTOS, 2018, p. 215).

Figura 5: Trabalho dos estudantes – Conceito de Saúde



Fonte: Própria

Desse modo, privilegiar a imagem nos aproxima de Alves (2001) que, ao questionar a validade do pensamento moderno, nos pergunta se haveria a

Figura 4: Trabalho dos estudantes – Conceito de Saúde

Fonte: Própria

No momento que antecedeu a produção coletiva do trabalho (Fig. 4), por meio da roda de conversa, solicitamos aos estudantes que identificassem os espaços em Volta Redonda onde percebessem a ampliação da noção de saúde e os (as) estudantes mencionaram os seguintes espaços: Projeto 3ª Idade, Hospital do Idoso, Jovem Aprendiz, Parque Aquático da Secretaria de Esportes, Kartódromo, Escolas, Hospitais.

Posteriormente, iniciamos a produção coletiva sobre saúde, utilizando imagens, visto que entendemos que o imaginário colonial moderno nos

seu bojo a premissa de “tentar mostrar que o que não existe é produzido como não- existente, como uma alternativa não crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo” (SANTOS, 2007, p. 29).

1.2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

1.2.1 Lugar e Sujeitos da Pesquisa

Esta investigação foi desenvolvida com estudantes da EJA, oriundos de uma escola da rede pública municipal de Volta Redonda, interior do estado do Rio de Janeiro, que atende a treze comunidades do município, especificamente com uma turma de 34 estudantes com faixa etária compreendida entre quinze e dezessete anos, contendo adolescentes que já atuam no mercado de trabalho, em sua grande maioria de classe social baixa e afrodescendentes.

Esta turma continha doze discentes do gênero feminino e vinte e dois discentes do gênero masculino. Dentre as meninas, uma adolescente não concluiu o ano letivo, pois engravidou e após o segundo semestre

não conseguiu retornar à escola. Havia também uma adolescente com Síndrome de Down.

Dentre os meninos, um deles ficou ausente durante todo o ano letivo, pois esteve preso em um centro de detenção devido ao envolvimento com o tráfico. Nesta mesma turma, um casal de alunos se tornou pais de família, não tendo uma relação fixa, mas com a responsabilidade de assumir uma criança.

Várias questões foram postas em debate com esta turma identificando as falas significativas.

1.2.2 Metodologia do Produto

Considerando os pressupostos políticos e epistemológicos apresentados no item anterior, apresentaremos o procedimento metodológico realizado pelo componente curricular Educação Física na EJA, cuja temática de saúde foi a centralidade.

O primeiro passo na construção da experiência social – proposta pedagógica - procedeu por meio da investigação do conceito de saúde dos (as) estudantes,

desta classificação, visto que o mesmo realizou mais de dez mil passos no seu dia.

Diante de tal situação, perguntamos à turma se este estudante (R.) poderia ser considerado sedentário, mesmo tendo afirmado em seu depoimento que não vai à academia porque 'não tem tempo' e nem condições financeiras, mas vai para a escola de bicicleta e quando sai do colégio trabalha na feira com seu pai, carregando caixotes. Tal condição nos auxiliou na ampliação da discussão na roda de conversa, pois durante o debate nos foi possível discutir o modo como as atividades realizadas pelas pessoas se alteram de acordo com a classe social, o gênero, a idade, dentre outras.

Na sexta aula, no intuito de concluir a discussão em torno da temática (Saúde), propusemos à turma um trabalho em grupo, nos permitindo avaliar a construção do processo de ensino e aprendizagem.

Ao término da apresentação dos vídeos/depoimentos, ampliamos o diálogo utilizando a roda de conversa como metodologia pedagógica visto que, na roda de conversa “o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e fala” (MOURA, 2015, p. 28).

Assim, a dinâmica estabelecida entre os vídeos, o artigo de Palma e Vilaça (2010), os depoimentos dos (as) estudantes e do motorista de caminhão, e os debates dos (as) estudantes da turma, permitiram a constituição de uma rede de conversações que nos moveu em direção aos elementos que determinam ou influenciam a condição de saúde do trabalhador brasileiro: renda salarial, transporte público, o tempo de deslocamento para chegar ao trabalho, moradia, tempo disponível para lazer, moradia, dentre outros. Tal debate permitiu aos estudantes o acesso à complexa rede que envolve os condicionantes da saúde no país.

Interessante perceber que, segundo Porto e Junqueira (2008) dez mil passos por dia, seria a quantidade ideal para o indivíduo não ser considerado “sedentário”, portanto, R. automaticamente estaria fora

em uma turma de EJA, por intermédio das rodas de conversas (REIS e CAMPOS, 2016), no intuito de compreender as questões e os determinantes que atuam interferindo ou influenciando no modo como entendem a temática da saúde. Para as autoras, a roda de conversa, por seu caráter informal, permite que as questões sociais, políticas, econômicas, culturais, presentes nas redes cotidianas dos (as) estudantes apareçam nos diálogos estabelecidos durante o referido procedimento.

No segundo momento, houve um confronto acerca do conceito de saúde produzido pelos (as) discentes na primeira aula, uma aproximação da hermenêutica diatópica. Recordando Santos (2018), hermenêutica diatópica “consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas” (SANTOS, 2018, p. 271).

Assim, procuramos problematizar a temática realizando alguns questionamentos: saúde é

alimentar-se bem, ou fazer atividades físicas, ou ainda realizar exercícios físicos, não ser obeso?

Utilizamos imagens com a figura de diaristas, trabalhadores rurais, pessoas comuns que atuam em comércio, permanecendo em movimento durante longas horas do dia e, em contrapartida, os padrões de corpos atuais, na intenção de levá-los a refletir sobre como esses sujeitos supramencionados realizam atividade física diariamente. Diante do exposto, outras reflexões se fizeram necessárias: tais pessoas, mesmo sem a intenção de realizar atividades físicas, podem ser consideradas sedentárias? O que vem a ser de fato o sedentarismo? O fato de não realizarem atividade física conforme estabelecido pela mídia, os coloca em uma condição sedentária e sem saúde? Será que ter um corpo 'perfeito' é sinônimo de saúde? E as intervenções cirúrgicas, os anabolizantes? Portanto, a intenção nesse segundo momento, foi problematizar o conhecimento sobre saúde, por meio de situações - problema oriundas da referida realidade social.

No terceiro momento foi apresentado um relato de caso, em que uma diarista explicitava as suas condições de descanso, transporte e trabalho. Durante

consecutivos ou não. O que seria atividade física? Atividade aeróbica: Qualquer atividade aeróbica: andar, correr, pedalar, caminhar (VÍDEO – SEDENTARISMO: NÃO EXERCITAR-SE É UM PASSO PARA ADQUIRIR DOENÇAS COMO OBESIDADE E DIABETES).

Outra atividade realizada na aula e que nos serviu para problematizar a relação exercício físico, atividade física e sedentarismo foram os depoimentos de dois estudantes da turma (uma adolescente e um adolescente, ambos com dezessete anos) e o depoimento de um motorista de caminhão de uma empresa de refrigerantes da região. Os depoimentos narravam o monitoramento das atividades diárias realizadas pelos (as) participantes no transcorrer de uma semana, utilizando o pedômetro (Liveup Contador de Passos e Calorias – ver anotações do estudante R.).

Anotações do número de passos do estudante R. no decorrer de uma semana:

- 18/09/18: 11.689 passos.
- 19/09/18: 11.635 passos.
- 20/09/18: 8.398 passos.
- 21/09/18: 11.440 passos.
- 22/09/18: 11.680 passos.
- 23/09/18: 11.765 passos.

exercitar-se é um passo para adquirir doenças como obesidade e diabetes⁵) – no intuito de problematizar a noção de sedentarismo.

Vale salientar que nesse momento utilizamos como contraponto o artigo de Palma e Vilaça (2010), pois os autores, ao problematizar a noção de sedentarismo, explicam o problema de se trabalhar com o referido conceito, salientando que a literatura apresenta diferentes medidas para o sedentarismo, acarretando resultados díspares: “De fato, qualquer tentativa de definir o que seja ‘sedentarismo’ deverá esbarrar em sérios problemas. O conceito é vulgar, isto é, não é científico, uma vez que não pode ser apreendido e compreendido com precisão” (IDEM, p. 107). Um fragmento do vídeo a seguir reflete a disparidade no conceito de sedentarismo, conforme mencionado por Palma e Vilaça (2010):

A pessoa que não realiza atividade física é uma pessoa sedentária (...) o ideal seria cinco vezes por semana durante mais de trinta minutos. Esses trinta minutos podem ser

⁵ Vídeo do Ministério da Saúde abordando a inatividade física como fator importante para o tratamento de doenças não transmissíveis como obesidade, diabete e doenças cardíacas - <https://www.youtube.com/watch?v=KrGbM-jnxAA>

essa intervenção, utilizamos a roda de conversa no intuito de ampliar o diálogo e o compartilhamento de ideias sobre estilo de vida. Ao final da aula deixamos com os (as) estudantes algumas perguntas para serem respondidas e apresentadas na aula posterior: qual o conceito de sedentarismo; refletir sobre a condição da trabalhadora do relato, sendo esta sedentária ou não, argumentando sobre o seu posicionamento; diante da rotina apresentada no relato da diarista, mencionar como ela faria para realizar os exercícios preconizados pela mídia; e por fim, tecer as considerações sobre a condição de saúde da referida trabalhadora.

No quarto momento, os (as) estudantes apresentaram as respostas às perguntas realizadas na aula anterior. Posteriormente, retomamos a roda de conversa no intuito de problematizar as questões polêmicas oriundas das respectivas respostas.

No quinto momento, foi apresentado o vídeo “Outro olhar - Dia Nacional de Combate ao Sedentarismo” e o vídeo “Sedentarismo: não exercitar-se é um passo para adquirir doenças como obesidade e diabetes”, problematizando a noção de sedentarismo, no intuito de provocar debates e

reflexão sobre tal temática. Nesse momento também utilizamos três depoimentos de dois estudantes da turma (uma adolescente e um adolescente, ambos com dezessete anos) e um motorista de caminhão de uma empresa da região, que haviam sido convidados a monitorar suas atividades diárias, utilizando o pedômetro (Liveup Contador de Passos e Calorias). Posteriormente, ampliamos o debate, utilizando a roda de conversa para debater sobre as experiências realizadas.

No sexto momento, apresentamos um vídeo exposto pelo programa da Rede Globo – Fantástico, sobre ‘O Brasil que eu quero’, exibido no dia 30 de setembro de 2018, um domingo antes das eleições para Presidente no ano de 2018. Tal produção apresentava pessoas relatando diversos problemas sociais do país, o que nos possibilitou problematizar três aspectos fundamentais: o primeiro, a realidade diversa e complexa da população brasileira; segundo, a relação de cada problema apresentado e seu entrelaçamento com a saúde; por fim, a discussão do posicionamento ideológico da mídia frente às contradições históricas e sociais do país.

Assim, considerando as respostas dos (as) estudantes, que em sua maioria, reproduz a lógica neoliberal, pois opera na ótica que culpabiliza e responsabiliza o indivíduo pela ausência de saúde - praticar exercícios físicos, não beber, não fumar, dentre outras ações -, optamos por trazer ao debate os determinantes apresentados por Waissmann (2003) na aula anterior, que nos remetem às desigualdades sociais e aos processos de colonização: capitalismo, colonialismo e patriarcado, que nesse estudo assumem as condições de classe social (empregabilidade, renda, transporte urbano para ir e vir do trabalho, horas de sono e descanso); questão de raça, que interfere historicamente determinando a condição subalterna e excludente do negro na sociedade brasileira, e por fim, a questão de gênero, que diante do exemplo de Dona Maria emerge da dupla ou tripla jornada laboral a que a mulher brasileira está submetida.

Na quinta aula apresentamos inicialmente dois vídeos (“Outro olhar: Dia Nacional de Combate ao Sedentarismo”⁴ e o vídeo “Sedentarismo: não

⁴ O vídeo no formato de animação aborda o sedentarismo na infância <https://www.youtube.com/watch?v=Xz5FKmcRRLg>.

que se ignorava e é chamada a assumir seu papel” (FREIRE, 2011, p. 4).

Diante do debate estabelecido, a segunda pergunta, referente à rotina apresentada no relato da diarista - Como a Dona Maria realizaria os exercícios preconizados pela mídia? - foi problematizada no enredamento da pergunta anterior, visto que, ao refletir coletivamente sobre os horários, atividades e a rotina laboral da empregada doméstica, o coletivo considerou que a mesma, apesar de não ter a possibilidade de cumprir com os preceitos estabelecidos pela mídia, a partir da proposição de exercícios físicos, não poderia ser considerada sedentária, por realizar diversas atividades físicas.

Por fim, a última pergunta se referia sobre as condições de saúde da referida trabalhadora (Dona Maria, em sua rotina, apresenta condições para obter saúde?) e as respostas convergiram para os seguintes aspectos: exercício, alimentação saudável, praticar esporte, não beber, não fumar, não se estressar, ter um dia de descanso, ir ao médico, fazer exames.

Quadro 1 - Resumo das aulas

Aulas	Objetivos	Estratégia	Avaliação
Aula 1	Investigar a concepção de saúde dos(as) estudantes.	Narrativas de <i>experiênciaspráticas</i> por meio de rodas de conversa em sala de aula.	Rodas de conversa sobre os conceitos enunciados.
Aula 2	Confrontar as supostas falas (da aula anterior) com outras realidades por intermédio do uso de imagens.	Narrativas de <i>experiênciaspráticas</i> por meio de rodas de conversa na sala de vídeo. Uso do Power Point para a exibição das imagens.	Por meio do diálogo oriundo das rodas de conversa.
Aula 3	Apresentar um relato de caso de um trabalhador do cotidiano dos alunos e discutir o estilo de vida com relação ao o que é de fato o sedentarismo e o que a pessoa precisa para ter saúde através de questionário.	Narrativas de <i>experiênciaspráticas</i> por meio de rodas de conversa e questionário.	Através do diálogo oriundo das rodas de conversa e questionário.
Aula 4	Discutir os resultados do questionário, contextualizando as respostas dos(as) estudantes, a partir dos conceitos apresentados nas aulas anteriores.	Narrativas de <i>experiênciaspráticas</i> por meio de rodas de conversa na sala de vídeo.	Através do diálogo oriundo das rodas de conversa.
Aula 5	Apresentar um vídeo explicando o que é sedentarismo e depoimentos dos alunos da turma que fazem atividade física e trabalham fora, além de um depoimento de um trabalhador desconhecido dos alunos. Discutir qual a real condição do brasileiro para fazer exercício	Narrativas de <i>experiênciaspráticas</i> por meio de rodas de conversa. Explicação dos depoimentos através de vídeos e vídeo explicativo sobre o sedentarismo.	Por meio do diálogo oriundo das rodas de conversa.

	físico e ter uma alimentação saudável.		
Aula 6	Apresentar o vídeo do Fantástico sobre "O Brasil que eu quero" e construir em grupo "que saúde que eu quero" aproximando do conceito da VIII Conferência Nacional de Saúde	Atividade em grupo com confecção de cartazes com frases e imagens.	Por meio das construções dos cartazes e do diálogo oriundo das rodas de conversa.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

1.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste momento, vamos nos deter à apresentação da proposta de sequência pedagógica desenvolvida no cotidiano de uma escola pública da rede municipal de Volta Redonda tendo a temática da Saúde como centralidade.

Um aspecto relevante a ser ressaltado é que as aulas da EJA no município de Volta Redonda são conduzidas enredadas à pedagogia de projetos, cuja temática para a execução do projeto anual ocorre em uma avaliação diagnóstica realizada com os(as) estudantes no início do ano letivo. Considerando que as escolas, singularmente, constroem a temática do seu projeto, na ocasião do desenvolvimento desse estudo – 2018 -, a temática do projeto da escola

Vilaça (2010) como base argumentativa, provocando outras reflexões em relação ao conceito de sedentarismo e rapidamente duas estudantes se manifestaram expressando suas percepções diante das provocações:

- E:** Ela faz atividade física todo dia no serviço dela.
- L:** Em casa, cuidando da casa, cuidando dos filhos.

Simultaneamente ao posicionamento de 'E.' e 'L.', outros(as) estudantes se posicionaram reiterando que as atividades realizadas pela Dona Maria ao longo de sua jornada de trabalho - caminhada para ir ao trabalho e, posteriormente, para retornar a sua casa, as atividades laborais como doméstica e, em decorrência, como dona de casa após o trabalho -, eram atividades físicas, portanto, poderíamos considerar a empregada doméstica como uma pessoa ativa.

Nesse sentido, parece-nos que a dialogicidade permitiu a reflexão sobre o mundo vivido: "Testemunhando objetivamente a história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar crítica-mente, para identificar-se como personagem

Na quarta aula, o objetivo foi discutir os resultados das perguntas da aula anterior, contextualizando as respostas dos (as) estudantes, a partir dos conceitos apresentados nas discussões das três primeiras aulas.

Considerando a primeira pergunta (Refletir sobre a condição da trabalhadora explicitada na pesquisa de Mourão (1999), respondendo se a empregada doméstica seria uma pessoa sedentária) proposta aos estudantes no final da terceira aula, iniciamos o debate com uma rápida enquete junto aos estudantes, com a intenção de identificar o que o grupo pensava a respeito da condição da empregada doméstica mencionada na pesquisa.

Imediatamente, vinte e dois estudantes se posicionaram afirmando que não a consideravam sedentária, restando apenas um estudante com a assertiva de que a empregada doméstica seria sedentária devido à ausência de atividade física em sua rotina diária.

Diante das respostas dos (as) estudantes, reiniciamos o diálogo tendo as reflexões de Palma e

pesquisada foi '**Meu Corpo, Minha Identidade**', com o objetivo de desenvolver o autoconhecimento, fortalecendo e ampliando o conceito de identidade dos (as) estudantes.

Conforme apresentado no Quadro - 1, a primeira aula teve como objetivo investigar o conceito de saúde a partir da percepção dos (as) estudantes da EJA. Estabelecemos uma aproximação realizando uma pesquisa sob a ótica freireana (socioantropológica), no intuito de localizar as palavras geradoras (FREIRE, 2011). No caso desse estudo, tal procedimento foi realizado por meio de quatro perguntas, conforme disposto a seguir: O que é Saúde? Qual é o modelo de saúde que temos? Qual é a saúde que queremos? Como chegar lá? Cabe salientar que as respostas dos estudantes foram utilizadas no transcorrer da sequência pedagógica a ser apresentada nesse relato de experiência.

Na intenção de metodologicamente apresentar os dados produzidos e, simultaneamente, resguardar a identidade dos (as) participantes da pesquisa, optamos

por utilizar a primeira letra do nome dos (as) estudantes.

No que se refere ao instrumento utilizado para a obtenção das respostas, a roda de conversa (OLIVEIRA, 2012) foi escolhida por entendermos que esta metodologia permite o diálogo e o compartilhamento de ideias e a apreensão das narrativas dos (as) participantes do estudo:

a arte de narrar é um acontecimento infinito, pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado [narrado] é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIN, 1994 p. 37).

Partindo da ótica supramencionada, o que buscamos evidenciar é a relação da experiência como memória coletiva, visto que se constrói no emaranhado dos condicionantes econômicos, culturais, sociais, políticos, de gênero, de raça, dentre outros. Nesse sentido, a pergunta inicial feita à turma - O que é saúde? – nos propiciou as seguintes narrativas:

Cabe frisar que essa etapa do processo de *ensinoaprendizagem* foi baseada em Palma - Vilaça (2010), quando discutem as incongruências entre os valores das distintas medidas de sedentarismo, debatem a noção de fenômenos “não transmissíveis”, sobretudo, no que se refere à adesão à prática regular de exercícios físicos:

No que tange à prática de atividade física, a partir principalmente do conhecimento com base na noção de causa e efeito, tem sido imputada ao indivíduo a culpa por sua condição sedentária, uma vez que o comportamento pessoal dependeria apenas do próprio sujeito para ser modificado (PALMA - VILAÇA, 2010 p.111).

Portanto, ao problematizarmos a complexidade que envolve as desigualdades sociais e a ausência de direitos que garantam o acesso à atividade física, aproximamo-nos da discussão dos autores supramencionados que entendem que a lógica neoliberal atua de modo a produzir um estado frágil que se isenta de sua reponsabilidade como regulador na relação da sociedade com a lógica do mercado.

problematizar a discussão sobre a desigualdade social e a atividade física, pois tal noção nos permitiu discutir as diversas dimensões que diferenciam e determinam a condição da mulher.

Assim, ao compreender que os aspectos econômicos, políticos, culturais, físicos, influenciam significativamente a constituição das subjetividades e corporeidades femininas, discutimos a necessidade de considerar o lugar de enunciação que os diferentes marcadores sociais possuem, causando “impacto na forma como se ascende aos direitos e às oportunidades” (PEREIRA et al., 2018, pp. 67-68).

Por fim, ao término da aula, deixamos com os (as) estudantes algumas perguntas para serem respondidas e apresentadas na aula posterior: Reflita sobre a condição da trabalhadora explicitada na pesquisa de Mourão (1999) e responda se a ela é sedentária; Diante da rotina apresentada no relato da diarista, mencionar como ela faria para realizar os exercícios preconizados pela mídia; E por fim, tecer as considerações sobre a condição de saúde da referida trabalhadora.

R: Ah...tomar banho, escovar dente, passar desodorante...
D: Se relacionar, ir à igreja...
J: Viver.
T: Ter trabalho.
J.V: Boa alimentação, dormir bem...
M: Correr...
T: Beber água, fazer exercícios, alimentação, evitar doenças...
E: Evitar doenças...
T: Dormir bem...
G: Se prevenir, cuidar da alimentação...
A: Tomar vacina.
E: Praticar esporte é saudável, ir à academia.
R: Fazer Exercícios...
F: Praticar exercícios físicos
J.B: Higiene Corporal.
P: Ir ao médico, fazer prevenção...

Cabe frisar que, nesse primeiro momento, a pesquisa e o levantamento das situações-limites, também denominadas de “inédito viável”, quer dizer, aspectos que “implicam a existência daqueles a quem diretamente ou indiretamente ‘servem’ e daqueles a quem ‘negam’ e ‘freiam’ (FREIRE, 2011, p. 94), nos serviram para planejar as ações de intervenção educativa.

Assim, considerando que as falas dos estudantes revelam um universo temático (FREIRE, 2011), vamos

entender que elas revelam o nível de percepção da realidade do estudante, sua visão de mundo. Portanto, percebemos que quase todas as narrativas supramencionadas buscam a perspectiva organicista ou anátomo-biológica como referência de saúde.

Parece-nos que essa predominância não se dá ao acaso, pois Palma et al. (2010, p. 32) ao investigar a revista *Boa Forma*, no intuito de identificar o apelo mercadológico do discurso de saúde emitido pela referida revista, afirma que na “literatura científica biomédica ou em suas construções contemporâneas que ecoam na mídia, é possível encontrar uma extensa variedade de discursos advogando a relação entre “corpos em forma” e a ideia de evitar riscos à saúde”. Tal ideia parece corroborar ao pensamento que opera concebendo a saúde a partir de pressupostos biomédicos, utilizados para padronizar e hierarquizar os corpos.

Prosseguindo com o desenvolvimento da sequência pedagógica, na segunda aula, cujo objetivo foi confrontar as falas dos (as) estudantes obtidas na aula anterior, com outras situações do cotidiano, optamos por diferenciar atividade física e exercício

a atividade física, por exemplo: a classe social, especificamente o aspecto econômico, determina o nível de escolaridade, o acesso ao trabalho e, em decorrência, a renda que, por consequência, afeta a longevidade das pessoas. Porém, outros aspectos permanecem encobertos na sociedade brasileira devido ao poder hetero-patriarcal, que segue colonizando e excluindo seres humanos do acesso a melhores condições de vida: a condição de raça e gênero.

Nesse sentido, recordamos a discussão de Mbembe (2016, p. 128) que, ao discutir o estabelecimento da biopolítica, menciona que essa forma de controle opera com a ideia de que a “distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros” gera o racismo. Daí que, para Mbembe (2016), pensar a partir das proposições *foucaultianas* requer a compreensão de que o racismo é uma tecnologia utilizada para permitir o uso do biopoder.

No que concerne questão de gênero, buscamos a noção de interseccionalidade na intenção de

sua condição de descanso, transporte e trabalho eram influenciadas por tais condicionantes.

Posteriormente à leitura do material, utilizamos a roda de conversa no intuito de ampliar o diálogo e o compartilhamento de ideias discutindo o estilo de vida das pessoas que passam pelas mesmas situações em seu cotidiano. O debate ainda propiciou a problematização sobre o tempo disponível e motivação das pessoas para a realização de exercício físico, visto que no transcorrer do dia há um dispêndio significativo de calorias para realizarem o tipo de trabalho descrito no relato e, portanto, no cumprimento de suas atividades laborais.

Em contrapartida, ainda foi possível abordar a temática referente à condição financeira da população brasileira para se alimentar adequadamente e ainda pagar o tipo de exercício físico preconizado pela mídia: academias de ginástica e musculação. Nesse momento, trouxemos os conhecimentos oriundos do estudo de Waissmann (2003), “Desigualdade Social e Atividade Física”. Para Waissmann (2003) são diversos os determinantes sociais que interferem e condicionam a possibilidades das pessoas para realizar

físico, visto que tais definições já haviam sido trabalhadas no primeiro bimestre e foram apontadas pelos (as) estudantes como fatores importantes para se ter saúde. É importante salientar que a sinalização, por parte dos (as) estudantes, quanto à importância do exercício e da atividade física para a aquisição de saúde, se revela como indício da concepção biomédica já anunciada anteriormente.

No intuito de problematizar as ‘falas geradoras’ (FREIRE, 2011) obtidas na primeira aula, optamos por uma aula expositiva com o uso do Power Point, onde apresentamos imagens que nos permitiram questionar e, simultaneamente, decodificar o ‘mundo vivido’: “(...) problematizando-o, decodificando-o criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência” (IDEM, p. 15).

Assim, apresentamos as imagens e estabelecemos um movimento de dialogicidade entre professor/estudantes e entre estudantes/estudantes, na perspectiva de co-criação, um conhecimento

híbrido, que se constrói singularmente, na ótica do currículo como construção cotidiana² (OLIVEIRA, 2012).

Assim, a partir das imagens (ver figura 1) realizamos alguns questionamentos, como por exemplo: A pessoa na imagem está realizando atividade física ou um exercício físico?

Ao apresentarmos a imagem de uma criança na carvoaria, os (as) estudantes responderam que ela realizava atividade física, pois estavam partindo da noção de que a atividade física é toda ação não sistematizada que gera gasto calórico e, em decorrência, que exercício físico emerge de uma ação sistemática, orientada e acompanhada por um profissional de Educação Física (CHEIK, et al., 2008). Desse modo, retornávamos à pergunta da primeira aula no intuito de problematizar e decodificar o modo como percebem a realidade: Mas, a criança da imagem possui saúde?

² Nesse estudo o currículo é entendido como sendo uma produção singular dos *sujeitospraticantes* do cotidiano nos abrindo possibilidades de ir além da compreensão universalizante, pois se constrói a partir dos processos de *aprendizagemensino*, cotidianos nas/das/com as escolas em seus contextos particulares (OLIVEIRA, 2012).

escola, alimentação, roupas, possibilidade de cuidados com a higiene, saneamento, dentre outros.

Já Martins (2016) centra a sua discussão de Bem Viver nas comunidades tradições da América do Sul e na cosmovisão desses povos, que perpassa uma perspectiva de coletividade que propõe formas alternativas de vida social e de economia, respeitando a relação que se constrói com o outro e com o meio ambiente. Portanto, tais perspectivas nos possibilitaram a discussão da noção de saúde fundada em outros pressupostos, indo além do reducionismo biológico característico do pensamento colonizador moderno: *“Vivir Bien entre nosotros”, es una convivencia comunitaria con interculturalidad y sin asimetrías de poder, “no se puede Vivir Bien si los demás viven mal”* (MOLLO, 2011, pp. 30-31).

Na esteira dessa discussão, na terceira aula apresentamos para a turma o relato de caso, a partir da pesquisa de Mourão (1999), onde uma mulher casada, diarista, mãe de 5 filhos e moradora da comunidade de Queimados, subúrbio do Rio de Janeiro, obtinha uma qualidade de vida e de saúde determinadas pela sua condição de classe, gênero, raça e em consequência a

outras coisas realizar os seguintes procedimentos no intuito de obter o padrão corporal:

- P:** Comer pouco.
- A:** Tomar muito suplemento, bomba.
- J. V:** Comer ovo o dia todo (...). Ela tem um objetivo.
- P. O:** Batata doce (...). É igual a um corpo de gogo boy.

Para Strehlau, Claro e Neto (2015, p. 74), a “busca pela beleza leva consumidores a consumir bens como adornos e também os leva a modificar o próprio corpo” em detrimento da imagem construída.

No intuito de refletir com os (as) estudantes a contradição entre as figuras das duas artistas supramencionadas, trouxemos a noção de “Bem Viver” (MENESES, 2004; MARTINS, 2016) para contrapor o ideal de beleza e saúde preconizado pela industrial cultural. Meneses (2004) ao desenvolver uma pesquisa no intuito de conhecer a noção de saúde na população da cidade de Maputo em Moçambique, nos revela que a saúde para essa população se constitui por intermédio de outros pressupostos como acesso à

Figura 1: Criança trabalhando em uma carvoaria



Fonte:

<https://sarauparatodos.wordpress.com/2014/10/10/capitalismo-e-criancas/>

As narrativas que emergiram do diálogo foram variadas nos permitindo problematizar novamente com os (as) estudantes:

Aluno F: Não dá pra saber professora...

Aluna E: Não tem saúde porque faz as coisas em **excesso pra idade**.

Aluno G: **Não tem saúde porque trabalha no sol, não se alimenta direito.**

Aluno JV: Como você sabe que ele **não se alimenta direito?**

Para Freire (2011, p. 16), “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo”. Trazer a perspectiva dialógica (FREIRE, 2011), como uma metodologia de ensino, favoreceu o processo de construção de saberes, pois entendemos que a tessitura³ de conhecimentos ocorre a partir de uma dinâmica de enredamento. Para Oliveira (2012), tal tessitura ocorre a partir do intercâmbio de experiências e de saberes coletivos, permitindo aos participantes re-significar conhecimentos, portanto, fazíamos novas indagações na intenção de promover o debate e a construção de outros saberes, por exemplo: Anteriormente vocês não disseram que ter saúde é fazer atividade física? Os ‘novos’ questionamentos que surgiam, por meio do diálogo, permitiam aos estudantes refletir sobre o modo como percebem o mundo, pois realizávamos o conflito entre as narrativas: “A intersubjetividade, em que as consciências se

³ Nesse estudo, nos aproximamos da discussão de Alves (2003, p. 3), que se utiliza de tal terminologia para trabalhar com a ideia de que o conhecimento se dá viabilizado numa perspectiva de rede: “tessitura foi buscado na música permitindo compreender o modo como se relacionam as notas musicas para compor uma peça”, portanto, um enredamento entre letra e melodia.

Figura 3: Jojo Todynho

Fonte:

<https://twitter.com/JojoMarontinni/status/922270277400133632>

Outra imagem utilizada nesse momento da aula, no intuito de problematizar o padrão estético como sinônimo de saúde foi a imagem da cantora Jojo Todynho (ver Fig. 3). Simultaneamente a exposição da imagem, realizamos outro questionamento: Qual a diferença entre os corpos apresentados? De imediato as narrativas dos (as) estudantes revelaram que o corpo da JoJo Todynho “era natural” (estudante - J.V.) e, em contrapartida, a Graciane Barbosa (fig.2) deveria dentre

envolve as práticas corporais de embelezamento difundidas pela mídia, instaurando valores individualistas e padrões corporais (ver Fig. 2).

Desse modo, passamos a questionar a relação entre exercício físico, atividade física e sedentarismo, visto que Palma e Vilaça (2010, p. 106), ao problematizar a prevalência do sedentarismo ou da inatividade física em determinadas populações, mostram que esse conceito tem sido apresentado à população como sendo a responsável pela ocorrência de diferentes doenças. Os autores ainda ressaltam que a ausência de “clareza sobre o significado do que seja sedentarismo ou mesmo inatividade física” contribui significativamente para o estabelecimento da normalização dos corpos e, portanto, reduz a noção de saúde ao viés biomédico e ao binômio saúde/doença (IDEM).

enfrentam, dialetizam-se, é a tessitura última do processo histórico de humanização. (...). A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano” (FREIRE, 2011, p. 17).

Assim, durante o processo de debate acerca das imagens, buscávamos realizar um movimento que de certo modo se aproxima das ecologias de saberes (SANTOS, 2018), porque se coloca contrário às metodologias qualitativas que buscam extrair conhecimentos dos sujeitos desvinculados das lutas sociais, visto que procurávamos o reconhecimento dos saberes dos sujeitos investigados no intuito de romper com a lógica colonial “que nega a própria condição ontológica dos sujeitos excluídos enquanto portadores e produtores de saberes” (FASANELLO, NUNES, PORTO, 2018, p.401).

Posteriormente, passamos a outro momento significativo da aula, pois apresentamos imagens de alguns artistas que possuem o corpo esteticamente ‘perfeito’, a partir dos pressupostos estabelecidos pela mídia.

Gostaríamos de retomar aqui a ideia de Freire (2011) e do sociólogo Charles Wright Mills, de modo específico à proposição de uma imaginação intelectual entrelaçada à noção da investigação como um ofício, onde o pesquisador é concebido como um artesão (SANTOS, 2018).

Pensar a partir dessa lógica moveu-nos a uma investigação temática e, em decorrência, ao trabalho co-**labor**-ativo com os *sujeitospraticantes* do estudo, pois não realizamos uma ação investigativa na direção da pesquisa qualitativa extrativista - aquela que se apropria do saber do outro desconsiderando seu lugar de produtor de conhecimento -, mas construindo junto, coletivamente: “Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade” (FREIRE, 2011, p. 101). As narrativas a seguir nos permitem acessar as percepções dos (as) estudantes:

Aluno J: Ah ela tem saúde porque tem acompanhamento médico e tal...

Aluno R: Ah mas ela usa bomba, não come, faz dieta...

Aluna A: Ela tem silicone...

Assim, fundados no fazer sociológico explicitado, buscamos promover novamente o diálogo entre professor/estudante e estudante/estudante: Essas pessoas possuem saúde? Por quê? O que eles (as) fazem para conseguir esse corpo? O exercício físico é sinônimo de saúde?

Figura 2: Artistas reconhecidos pelos(as) estudantes



Fonte:

<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/10/belo-relembra-prisa-o-por-trafico-de-drogas-do-ceu-ao-inferno.shtml>

Assim, considerando a discussão de Rago (2006), discutimos, com os (as) estudantes, o comportamento civilizatório da sociedade contemporânea que credibiliza a crescente ‘cultura do narcisismo’ e que